Ministério da Educação

INSPECÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO

PROGRAMA AFERIÇÃO

EFECTIVIDADE DA AUTO-AVALIAÇÃO DAS ESCOLAS

Roteiro

FICHA TÉCNICA

Título
Efectividade da Auto-Avaliação das Escolas: Roteiro

Autoria
Inspecção-Geral da Educação

Edição
Inspecção-Geral da Educação (IGE)
Av. 24 de Julho, 136
1350-346 Lisboa
Tel.: 213 924 800 / 213 924 801
Fax: 213 924 950 / 213 924 960
e-mail: ige@ige.min-edu.pt
URL: http://www.ige.min-edu.pt

Coordenação editorial, copidesque, design gráfico, revisão tipográfico e divulgação
IGE — Gabinete de Planeamento, Documentação e Formação (GPDF)

Impressão e Acabamento
Reprografia da Secretaria-Geral do Ministério da Educação
Av. 24 de Julho, 136 - 1.º
1350-346 Lisboa
Abril 2005 (2.ª ed.)

Tiragem
300 exemplares

I. APRESENTAÇÃO DA ACTIVIDADE

1. Enquadramento

A aferição da *Efectividade da Auto-Avaliação das Escolas,* enquanto actividade da Inspecção-Geral da Educação, decorre de imperativos de natureza normativa que regulamentam o sistema de avaliação da educação e do ensino não superior. Surge, ainda, num quadro de desenvolvimento da autonomia das escolas e dos seus princípios orientadores, segundo as quais a auto-avaliação assume carácter obrigatório.

O *Sistema de Avaliação da Educação e do Ensino Não Superior*, aprovado pela Lei n.º 31/2002, de 20 de Dezembro, determina que a auto-avaliação tenha em linha de conta os seguintes aspectos: grau de concretização do projecto educativo; nível de execução das actividades; desempenho dos órgãos da administração, gestão e de orientação educativa; sucesso escolar e prática de uma cultura de colaboração.

Neste sentido, a auto-avaliação, assegurada por uma prática sistemática e integrada na cultura das organizações escolares, deve ser entendida como um processo reflexivo, que conduz a acção, essencial para a consolidação dos processos de mudança e de melhoria.

A *Lei Orgânica do Ministério da Educação*, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 208/2002, de 17 de Outubro, institucionaliza um sistema de avaliação continuada e global da educação e do ensino não superior. Compete à IGE, para garantia da qualidade da prestação do sistema educativo, aferir da eficiência de procedimentos e da eficácia na prossecução dos objectivos e resultados fixados, contribuindo para o processo de avaliação externa das escolas e respectiva certificação.

A actividade de aferição *Efectividade da Auto-Avaliação das Escolas* pretende constituir-se como parte integrante de uma cultura de reflexão institucional sobre os dispositivos de avaliação implementados pelas escolas.

Tem, assim, como propósito o desenvolvimento e a consolidação de uma atitude crítica e de auto-questionamento relativamente ao trabalho realizado nas escolas, suporte essencial do seu planeamento estratégico.

A aferição é, aqui, entendida como a verificação da conformidade ou do desvio resultante da comparação entre uma situação real observada e uma situação de referência, construída a partir do previsto no normativo, do conhecimento científico, da experiência profissional e das boas práticas.

Para a apreciação de cada indicador, explicita-se a referência construída relativamente aos diversos subindicadores, ilustração essa que corresponde, numa escala de 4 pontos, a um desempenho de BOM – NÍVEL 3.

Procura-se, deste modo, e no que se refere à auto-avaliação, examinar os níveis de qualidade alcançados no planeamento e na organização, bem como na realização e seus efeitos nos resultados educativos, em ordem a garantir a credibilização das organizações escolares e a confiança pública na educação.

A intervenção da IGE, a aferição da *Efectividade da Auto-Avaliação das Escolas*, desenvolve-se a partir de uma atitude de interpelação, que decorre da questão orientadora seguinte:

> *Qual é a efectividade da auto-avaliação que a escola faz da qualidade do seu funcionamento e dos serviços que presta, por forma a desenvolver acções que contribuam para reforçar os seus pontos fortes e superar os pontos fracos?*

Nesta intervenção de aferição, enquanto actividade de meta-avaliação com uma filosofia própria, cabe ao inspector questionar as estratégias de auto-avaliação escolhidas e o nível de exigência dos resultados alcançados, competindo ao interpelado comprovar a efectividade dos procedimentos e demonstrar a sua correcção e eficácia.

O conceito de *escola* aqui utilizado refere-se, evidentemente, à entidade organizacional educativa cuja expressão, enquanto unidade de gestão, pode ser uma *escola singular* ou um *agrupamento*, qualquer deles congregadores de uma única comunidade educativa.

Em suma, a aferição consta de uma interpelação sobre as práticas em uso de modo a receber a respectiva demonstração de evidências da eficiência de procedimentos e da prossecução dos objectivos e resultados fixados.

Os juízos de valor decorrem da verificação da distância a que cada situação se encontra face ao referente construído para o efeito da aferição.

2. Objectivos

Com a actividade de aferição *Efectividade da Auto-Avaliação das Escolas* pretende-se:

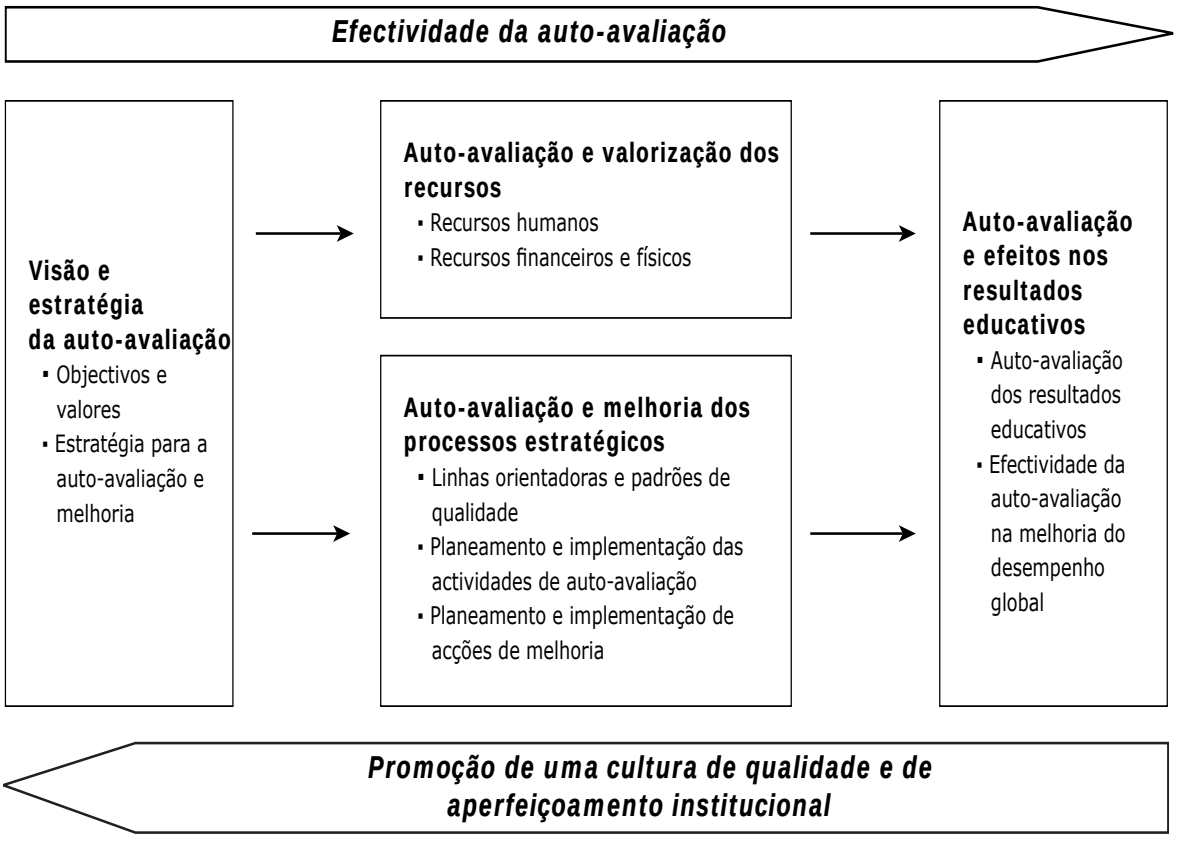
- Contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de aperfeiçoamento institucional focalizado e estratégico;
- Acompanhar o desenvolvimento de dispositivos externos de suporte à auto-avaliação nas escolas;
- Desenvolver uma metodologia inspectiva de meta-avaliação, tendo em conta a diversidade dos modelos possíveis de auto-avaliação das escolas, utilizando como referência metodologias já utilizadas e testadas;
- Identificar aspectos-chave a partir da aferição da auto-avaliação, recolhendo experiências de avaliação interna desenvolvidas pelas escolas, por forma a obter

uma panorâmica do estado actual das dinâmicas de auto-avaliação enquanto actividade promotora do desenvolvimento das escolas;

- Promover nos estabelecimentos de educação e ensino uma cultura de qualidade, exigência e responsabilidade, mediante uma atitude crítica de auto-questionamento, tendo em vista o incremento da qualidade dos processos e dos resultados.

3. Modelo conceptual

A aferição da efectividade da auto-avaliação desenvolvida pela escola incide sobre nove indicadores de qualidade agrupados em quatro áreas-chave do processo de avaliação interna, aqui designadas por campos de aferição: *Visão e estratégia da auto-avaliação*; *auto-avaliação e valorização dos recursos*; *auto-avaliação e melhoria dos processos estratégicos* e *auto-avaliação e efeitos nos resultados educativos*.



Do processo de aferição da efectividade da auto-avaliação desenvolvido pela IGE será produzida informação de retorno para a escola, a qual deverá constituir um factor indutor de uma cultura institucional de qualidade e aperfeiçoamento.

II – METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo descrevem-se os aspectos essenciais do desenho e desenvolvimento da actividade de Aferição da *Efectividade da auto-avaliação das escolas*.

Referem-se os procedimentos de selecção das unidades de gestão a intervencionar, a cronologia tipo da intervenção e o roteiro de trabalho e o formato e organização dos Relatórios de Escola que encerram todas as intervenções.

1. Selecção das unidades de gestão

O universo de intervenção desta actividade compreende as unidades de gestão da rede pública – agrupamentos e escolas singulares – da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

Para o triénio 2005-2007 foram seleccionadas 250 unidades de gestão. A sua selecção conjuga os seguintes critérios:

- proporcionalidade regional;
- tipologia das unidades de gestão a intervencionar;
- distribuição representativa das unidades de gestão determinada em função dos níveis de IDS dos respectivos concelhos.

Esta selecção integra 50% de unidades de gestão intervencionadas no âmbito do programa *Avaliação Integrada das Escolas*.

2. Cronologia tipo da intervenção

A actividade é conduzida por uma equipa de dois inspectores e tem a duração máxima de dez dias.

As unidades de gestão são previamente informadas do início da intervenção.

O primeiro dia, designado de *visita inicial*, tem como propósito a apresentação da actividade à escola e a recolha de informação necessária ao planeamento da intervenção. A apresentação da actividade tem como público alvo elementos dos órgãos de gestão e administração; representantes de não-docentes, pais e alunos; elementos ligados a projectos de avaliação interna; e outros parceiros externos. A recolha de informação necessária ao planeamento da intervenção decorre da identificação de experiências de avaliação interna e dos interlocutores preferenciais.

Após a visita inicial, ao longo de seis dias (2.º ao 7.º dia), a equipa inspectiva organiza o seu trabalho e procede à recolha de evidências dos efeitos da auto-avaliação nos processos e nos resultados educativos, através da realização de entrevistas secundadas pela produção de evidências documentadas por parte da escola.

Os 8.º e 9.º dias destinam-se à preparação da versão final do relatório e ao encerramento do trabalho na unidade de gestão, mediante a apresentação das conclusões da intervenção a todos os entrevistados. Eventualmente, a sessão de encerramento pode acolher uma população escolar mais alargada, caso as condições físicas das instalações o permitam e a pertinência da sua presença o justifique.

O 10.º e último dia destina-se à finalização do *relatório de escola*, após o que deve ser apresentado na Delegação Regional para validação e submissão do mesmo à base de dados nacional.

Cronologia tipo da intervenção por Unidade de Gestão

1.º Dia	Visita inicial	*Apresentação da actividade à escola.* *Recolha de informação necessária ao planeamento da intervenção/sinalização de experiências de avaliação interna.*
Interrupção		
2.º ao 7.º Dia	Desenvolvimento da intervenção	*Recolha de evidências relativas aos quatro campos de aferição da efectividade da auto-avaliação*
8º e 9º Dia	Encerramento da intervenção	*Preparação da versão final do relatório* *Apresentação à escola das conclusões da intervenção a todos os entrevistados* *Encerramento do trabalho na unidade de gestão*
Último Dia	Relatório de escola	*Validação do Relatório de escola na Delegação Regional* *Submissão do Relatório à base de dados nacional.*

3. Roteiro de suporte à intervenção

A estrutura do Roteiro, bem como a natureza do questionamento, para além de assegurarem a recolha de evidências têm uma intencionalidade formativa e indutora. O propósito deste modelo de aferição é o de induzir nas unidades de gestão processos estruturados de análise e reflexão sobre o seu desempenho, conducentes a uma mudança educativa planeada.

3.1 Dados caracterizadores de experiências de avaliação interna

Da informação recolhida, aquando da visita inicial, é possível sinalizar *experiências* de auto-avaliação vividas em cada Unidade de Gestão. Tal constitui a primeira etapa da intervenção.

Procura-se, a partir da interacção que se estabelece com os elementos da escola, recolher dados caracterizadores de diferentes iniciativas de auto-avaliação, que se traduzem em experiências ou saber acumulado de avaliação interna. Estas iniciativas podem ser processos focalizados e/ou um processo global de auto-avaliação da escola.

Suscita-se nos interlocutores que inventariem até três experiências ou iniciativas relevantes de avaliação interna ocorridas ou em curso na unidade de gestão.

Para sistematização da recolha de informação, importa registar os seguintes dados caracterizadores:

- Título (designação da actividade de auto-avaliação ou do projecto/iniciativa auto-avaliado);
- Objecto da auto-avaliação (Ex.: auto-avaliação de um projecto, levantamento de necessidades de recursos humanos, caracterização de uma turma, etc.);
- Objectivo da auto-avaliação (utilidade da informação recolhida);
- Iniciadores e implementadores do processo de auto-avaliação (equipa, participantes);
- Metodologia utilizada (questionários, testes, análise documental, grelhas de objectivos, etc.);
- Respondentes (pessoas que forneceram informações no processo de auto-avaliação);
- Apoio externo (Universidade, especialistas, etc.);
- Modalidade de apoio externo (formação, disponibilização de informação, tratamento de dados, etc.);
- Aspectos organizativos (duração do projecto, fases críticas, etc.);
- Efeitos (produtos, consequências directas do processo de auto-avaliação interna);
- Reflexão sobre a experiência de avaliação interna desenvolvida (aspectos positivos e negativos, lições aprendidas, como melhorar).

3.2 Campos de aferição e indicadores de qualidade

A recolha e apreciação fundamentada das evidências têm como suporte nove Indicadores de Qualidade (IQ) agrupados em quatro campos de aferição.

Para orientar a apreciação dos IQ, cada indicador é analisado sob o prisma das componentes/aspectos que se consideraram mais relevantes, as quais constituem os Sub-Indicadores de Qualidade (SIQ).

INDICADORES DE QUALIDADE — QUADRO RESUMO

CAMPO DE AFERIÇÃO I – VISÃO E ESTRATÉGIA DA AUTO-AVALIAÇÃO

1.1 Objectivos e valores	SIQ1.1.1 Condições para uma efectiva partilha e compreensão dos objectivos
	SIQ1.1.2 Enfoque dos objectivos da escola na melhoria do sucesso escolar
	SIQ1.1.3 Divulgação dos objectivos e valores
	SIQ1.1.4 Utilização dos objectivos da escola para a auto-avaliação
	SIQ1.1.5 Relação das acções de melhoria com os objectivos da escola
1.2 Estratégia para a auto-avaliação e a melhoria	SIQ1.2.1 Estratégia da escola para avaliar as áreas-chave do seu trabalho
	SIQ1.2.2 Consistência do planeamento das acções de melhoria face à auto-avaliação
	SIQ1.2.3 Participação em actividades de auto-avaliação
	SIQ1.2.4 Dispositivo de consultoria e comunicação aos encarregados de educação e outros parceiros da escola em questões de planeamento

CAMPO DE AFERIÇÃO II – AUTO-AVALIAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS RECURSOS

2.1 Recursos humanos	SIQ2.1.1 Procedimentos para avaliação dos docentes e não docentes
	SIQ2.1.2 Condições para o desenvolvimento profissional
	SIQ2.1.3 Relação do desenvolvimento profissional com o planeamento das acções de melhoria
2.2 Recursos financeiros e físicos	SIQ2.2.1 Procedimentos para avaliação da utilização dos recursos financeiros e físicos
	SIQ2.2.2 Relação entre a utilização de recursos financeiros e físicos e o planeamento das acções de melhoria

CAMPO DE AFERIÇÃO III – AUTO-AVALIAÇÃO E MELHORIA DOS PROCESSOS ESTRATÉGICOS

3.1 Linhas orientadoras e padrões de qualidade	SIQ3.1.1 Existência de linhas orientadoras e padrões de qualidade para as principais actividades da escola
	SIQ3.1.2 Utilização das linhas orientadoras e padrões de qualidade
3.2 Planeamento e implementação das actividades de auto-avaliação	SIQ3.2.1 Dimensão do processo de auto-avaliação
	SIQ3.2.2 Utilização das opiniões dos parceiros
	SIQ3.2.3 Consistência e fiabilidade da auto-avaliação
	SIQ3.2.4 Utilização do aconselhamento externo
3.3 Planeamento e implementação de acções de melhoria	SIQ3.3.1 Selecção de prioridades
	SIQ3.3.2 Condições para o desenvolvimento de acções de melhoria
	SIQ3.3.3 Implementação efectiva de acções de melhoria

CAMPO DE AFERIÇÃO IV – AUTO-AVALIAÇÃO E EFEITOS NOS RESULTADOS EDUCATIVOS

4.1 Auto-avaliação dos resultados educativos	SIQ4.1.1 Envolvimento dos docentes/não docentes na avaliação dos resultados educativos
	SIQ4.1.2 Informação utilizada
	SIQ4.1.3 Utilização dos indicadores e padrões de qualidade
	SIQ4.1.4 Monitorização do progresso dos alunos
	SIQ4.1.5 Envolvimento dos parceiros
4.2 Efectividade da auto-avaliação na melhoria do desempenho global	SIQ4.2.1 Nível de satisfação dos parceiros
	SIQ4.2.2 Evidências factuais da melhoria

A aferição da efectividade da auto-avaliação relativamente a cada *Indicador de Qualidade* (IQ) é realizada a partir da utilização da seguinte escala:

Nível 4	**Muito Bom** — As evidências relativas a este IQ comprovam que a escola superou claramente o objectivo. Nos *Subindicadores de Qualidade* (SIQ) considerados, o desempenho da escola ultrapassou o esperado para o contexto, face quer ao contemplado no normativo, quer às práticas comuns.
Nível 3	**Bom** — As evidências relativas a este IQ comprovam que a escola cumpriu plenamente o objectivo. Nos SIQ considerados, o desempenho da escola é dominado por pontos fortes em tudo o que é essencial.
Nível 2	**Satisfaz** — As evidências relativas a este IQ comprovam que o desempenho da escola regista um número significativo de pontos fortes, podendo existir aspectos a corrigir, desde que não afectem significativamente a eficácia do IQ apreciado. O objectivo ficou perto de ser totalmente cumprido.
Nível 1	**Não satisfaz** — As evidências relativas a este IQ comprovam que a escola ficou longe de cumprir o objectivo. Nos SIQ considerados, o desempenho da escola regista um número significativo de pontos fracos, podendo existir alguns aspectos positivos pouco relevantes para a eficácia do IQ apreciado.

A *Efectividade da auto-avaliação da escola* é aferida em função da *referência construída* para cada SIQ, a qual é constituída por ilustrações que têm por base o normativo e o entendimento actual do que se considera serem boas práticas.

Deste modo, procura-se que a aferição de cada IQ seja realizada de forma sustentada e com o intuito de proporcionar um entendimento partilhado.

A referência construída enunciada para cada *sub-indicador* tem as características de uma apreciação de *Nível 3 (Bom)*, que corresponde ao desempenho que se deseja que todas as escolas que funcionam bem possam atingir. Intencionalmente, não se toma como nível de referência o *Muito Bom (Nível 4)* dado o carácter de imprevisibilidade dos desempenhos de excelência.

A apreciação do processo de auto-avaliação conduz à formulação de juízos de valor por parte da equipa inspectiva. Estes têm em conta os campos de incidência delimitados pelos IQ, mediante as evidências recolhidas, fundamentam-se na demonstração da correcção de procedimentos e na efectividade da auto-avaliação nos resultados alcançados.

4. Relatório da escola

O Relatório a devolver à escola deve contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de aperfeiçoamento institucional focalizado e estratégico.

No sentido de conferir aos relatórios uma estrutura comum que garanta os pressupostos enunciados e facilite a sua utilização posterior, procedeu-se à concepção de uma configuração tipo, contemplando as seguintes secções:

1 – Introdução

2 – Conclusões da aferição da efectividade da auto-avaliação

3 – Caracterização da unidade de gestão

4 – Relatos de experiências de avaliação interna

5 – Apreciação fundamentada dos IQ

6 - Considerações finais

III. Campos de aferição
Indicadores de qualidade

CAMPO DE AFERIÇÃO I — VISÃO E ESTRATÉGIA DA AUTO-AVALIAÇÃO

IQ1.1	**OBJECTIVOS E VALORES**
	Que provas existem de que as lideranças tenham originado objectivos comuns, claros e partilhados?

Referência construída — Nível 3

SIQ1.1.1 Condições para uma efectiva partilha e compreensão dos objectivos

A escola tem mecanismos para garantir que os seus objectivos sejam partilhados e compreendidos pelos diversos parceiros?

- Os objectivos da escola estão claramente definidos e são comunicados aos diversos elementos da comunidade educativa;
- Docentes, não docentes, encarregados de educação e alunos têm um bom entendimento dos objectivos da escola e participam na sua definição.

SIQ1.1.2 Enfoque dos objectivos da escola na melhoria do sucesso escolar

Os objectivos da escola estão centrados na melhoria da aprendizagem e na maximização do sucesso e dos resultados?

- Os objectivos da escola dão uma atenção adequada à aprendizagem e ao ensino;
- Os objectivos da escola mostram uma clara preocupação com a maximização dos resultados escolares e com o sucesso dos alunos.

SIQ1.1.3 Divulgação dos objectivos e valores

A escola tem uma política de divulgação dos seus objectivos e valores?

- Os objectivos da escola são devidamente apresentados em publicações escolares (ex.: guias informativos para os encarregados de educação e para os alunos) e noutros documentos e suportes de comunicação, tais como a página da escola na *Internet*;
- Em reuniões e noutros acontecimentos públicos, os responsáveis pela gestão escolar dão uma grande importância à transmissão dos objectivos e valores da escola à comunidade educativa;
- Os encarregados de educação e os alunos recebem um *sumário* com os objectivos e valores inscritos no Projecto Educativo;
- Existe uma estratégia de promoção dos objectivos e valores bem definida por parte dos responsáveis pela gestão escolar.

SIQ1.1.4 Utilização dos objectivos da escola para a auto-avaliação

Os objectivos da escola constituem um ponto de referência para a auto-avaliação?

- A auto-avaliação está directamente relacionada com os objectivos e linhas orientadoras da escola;
- Os objectivos e valores são uma referência para docentes, não docentes, encarregados de educação e alunos, e são utilizados na avaliação da qualidade do serviço prestado pela escola;
- Existe um claro empenho por parte da comunidade educativa no aperfeiçoamento contínuo da escola.

SIQ1.1.5 Relação das acções de melhoria com os objectivos da escola

Que relação existe entre as acções de melhoria e os objectivos da escola?

- As prioridades do desenvolvimento escolar e os planos de acção são coerentes com os objectivos da escola;
- As prioridades focam-se na qualidade do serviço prestado pela escola em áreas importantes e nucleares.

CAMPO DE AFERIÇÃO I — VISÃO E ESTRATÉGIA DA AUTO-AVALIAÇÃO

IQ1.2	**ESTRATÉGIA PARA A AUTO-AVALIAÇÃO E MELHORIA**
	A escola tem uma estratégia clara e apropriada para a avaliação sistemática da qualidade do seu trabalho e para pôr em prática as medidas necessárias à sua melhoria?

Referência construída — Nível 3

SIQ1.2.1 Estratégia da escola para avaliar as áreas-chave do seu trabalho

A escola tem uma estratégia para se avaliar nas quatro áreas-chave do seu trabalho (áreas-chave: resultados; processo ensino-aprendizagem; gestão; factores contextuais)?

- Os planos de acção de melhoria mostram que as áreas-chave de trabalho da escola estão sujeitas a uma avaliação regular;
- A escola tem uma estratégia clara para gerir as actividades de auto-avaliação em todas as áreas do seu trabalho;
- Existe um ciclo de auto-avaliação regular, definido e bem planeado;
- O ciclo de auto-avaliação mobiliza a escola para olhar globalmente para os serviços prestados e para olhar em detalhe para os aspectos com impacto directo nas aprendizagens.

SIQ1.2.2 Consistência do planeamento das acções de melhoria face à auto-avaliação

Existe consistência na relação entre os planos de acção de melhoria e a auto-avaliação?

- A escola definiu medidas adequadas para os planos de acção de melhoria;
- As prioridades que constam nos planos de acção de melhoria foram identificadas através de processos de auto-avaliação.

SIQ1.2.3 Participação em actividades de auto-avaliação

A escola envolve docentes, não docentes e alunos em actividades de auto-avaliação e no desenvolvimento dos planos de acção de melhoria?

- Docentes, não docentes e alunos estão empenhados nas actividades de auto-avaliação. Estas incluem a análise de dados sobre o sucesso escolar;
- Docentes, não docentes e alunos participam na concepção dos planos de acção de melhoria;
- Existem evidências de procedimentos para auscultação de docentes, não docentes e alunos, e do seu envolvimento na implementação, acompanhamento e revisão das prioridades dos planos de acção de melhoria;
- Para implementação dos planos de acção de melhoria, estão considerados os recursos necessários e a adequada preparação dos docentes, não docentes e alunos.

SIQ1.2.4 Dispositivo de consulta e comunicação com os encarregados de educação e outros parceiros da escola sobre questões de planeamento

A escola tem mecanismos para consultar e comunicar com os encarregados de educação e outros parceiros relativamente ao planeamento para a melhoria?

- A escola definiu um conjunto de métodos formais e informais para auscultação dos encarregados de educação e outros parceiros, aquando da identificação de prioridades para os planos de acção de melhoria;
- A escola comunica com clareza aos encarregados de educação e outros parceiros os pontos fortes e as prioridades das acções de melhoria, recorrendo a diversas estratégias;
- Existem práticas institucionalizadas e diversificadas para comunicar aos encarregados de educação e outros parceiros os pontos fortes da escola e as áreas a melhorar.

CAMPO DE AFERIÇÃO II — AUTO-AVALIAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS RECURSOS

IQ2.1	RECURSOS HUMANOS
	Como é que a escola avalia e melhora o desempenho do pessoal?

Referência construída — Nível 3

SIQ2.1.1 Procedimentos para avaliação dos docentes e não docentes

Quais os procedimentos da escola para o acompanhamento e supervisão do desempenho dos docentes e não docentes?

- Existem mecanismos organizados para acompanhamento e supervisão do desempenho dos docentes e não docentes;
- Os docentes e não docentes, na supervisão do seu desempenho, têm direito a um processo participado;
- A supervisão do desempenho orienta-se para o desenvolvimento profissional.

SIQ2.1.2 Condições para o desenvolvimento profissional

Que condições cria a escola para o desenvolvimento profissional do pessoal docente e não docente?

- A escola tem um dispositivo de identificação sistemática das necessidades de desenvolvimento profissional;
- A escola organizou com eficácia actividades de desenvolvimento profissional, tendo em linha de conta as necessidades individuais e de melhoria da escola;
- Os docentes e não docentes têm acesso a formação adequada às suas necessidades;
- Para a execução do plano de desenvolvimento profissional também são mobilizadas as competências dos próprios recursos humanos da escola;
- Ao planear o desenvolvimento profissional, é tida em consideração a avaliação de situações da mesma natureza anteriormente implementadas;
- Existe acompanhamento e supervisão do exercício de novas funções, assim como da integração de novos docentes e não docentes.

SIQ2.1.3 Relação do desenvolvimento profissional com o planeamento das acções de melhoria

Como é que a escola integra o desenvolvimento profissional dos docentes e não docentes no planeamento das acções de melhoria?

- As prioridades nos planos de acção têm em conta as necessidades de desenvolvimento profissional;
- O desenvolvimento profissional dos recursos humanos é parte das prioridades dos planos de acção de melhoria;
- Existem mecanismos para avaliar a qualidade das actividades de desenvolvimento profissional.

CAMPO DE AFERIÇÃO II — AUTO-AVALIAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS RECURSOS

IQ2.2	**RECURSOS FINANCEIROS E FÍSICOS**
	Como é que a escola avalia a utilização dos recursos financeiros e físicos?

Referência construída — Nível 3

SIQ2.2.1 Procedimentos para avaliação da utilização dos recursos financeiros e físicos

Quais os procedimentos da escola para monitorizar a utilização dos recursos financeiros e físicos?

- Existe um plano definido para as despesas em função de necessidades identificadas;
- Existe uma utilização planeada dos recursos financeiros para apoiar a implementação das prioridades dos planos de acção;
- A gestão financeira envolve processos adequados de auscultação e participação de docentes e não docentes;
- Existe monitorização e reflexão sobre a aplicação dos recursos financeiros.

SIQ2.2.2 Relação entre a utilização dos recursos financeiros e físicos e o planeamento das acções de melhoria.

De que modo está a utilização dos recursos financeiros e físicos integrada no planeamento das acções de melhoria?

- São afectados os recursos financeiros necessários à implementação das prioridades identificadas nos planos de acção de melhoria;
- Existe uma utilização planeada dos recursos financeiros e físicos para apoiar a melhoria das aprendizagens e dos resultados dos alunos.

CAMPO DE AFERIÇÃO III — AUTO-AVALIAÇÃO E MELHORIA DOS PROCESSOS ESTRATÉGICOS

IQ3.1	**LINHAS ORIENTADORAS E PADRÕES DE QUALIDADE**
	Com que segurança transmite a escola uma ideia clara de práticas e de padrões de qualidade que devem ser alcançados na implementação dos processos estratégicos?

Referência construída — Nível 3

SIQ3.1.1 Existência de linhas orientadoras e padrões de qualidade para as principais actividades da escola

Que orientações existem sobre práticas e padrões de qualidade a atingir nos processos estratégicos?

- As linhas orientadoras estão formuladas de uma forma clara e concisa;
- As orientações sobre práticas e padrões de qualidade a atingir nos processos estratégicos são amplamente difundidas;
- As orientações dirigidas aos docentes e não docentes são específicas e práticas. Servem para assegurar, de um modo consistente, um desempenho de elevada qualidade em todos os sectores de pessoal e na escola em geral.

SIQ3.1.2 Utilização das linhas orientadoras e dos padrões de qualidade

Como são utilizadas as linhas orientadoras e os padrões de qualidade?

- Os docentes e não docentes utilizam as orientações como uma referência para avaliar a qualidade do seu desempenho;
- As linhas orientadoras e os padrões de qualidade são regularmente revistos, tendo em conta as últimas recomendações e as melhores práticas.

CAMPO DE AFERIÇÃO III — AUTO-AVALIAÇÃO E MELHORIA DOS PROCESSOS ESTRATÉGICOS

IQ3.2	**PLANEAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DAS ACTIVIDADES DE AUTO-AVALIAÇÃO**
	Qual a qualidade da avaliação que a escola faz da eficácia dos seus processos estratégicos?

Referência construída — Nível 3

SIQ3.2.1 Dimensão do processo de auto-avaliação

Qual a amplitude das actividades de auto-avaliação da escola?

- O papel dos docentes e não docentes no processo de auto-avaliação está bem definido e é do seu conhecimento;
- A escola utiliza a informação disponível para avaliar o grau de consecução dos seus objectivos;
- A direcção da escola definiu áreas para monitorização da eficácia;
- Na análise da eficácia dos processos estratégicos, docentes e não docentes utilizam indicadores e critérios definidos;
- A direcção da escola utiliza uma metodologia regular e sistemática para monitorizar a eficácia global do trabalho desenvolvido na escola. Esta metodologia inclui, nomeadamente, a apreciação das planificações dos professores, do processo ensino-aprendizagem e dos resultados dos alunos;
- A escola toma a iniciativa de recolher informação sobre o desempenho de escolas semelhantes, para com ele se comparar, tendo em consideração os contextos específicos.

SIQ3.2.2 Utilização das opiniões dos parceiros

Como recolhe e utiliza as opiniões dos parceiros?

- Para analisar o impacto das suas actividades, a escola implementou um dispositivo, que tem em conta a opinião dos parceiros. Ao fazê-lo, utiliza questionários, entrevistas, discussões, grupos de reflexão e outras estratégias adequadas;
- Integra os resultados deste processo na avaliação dos seus pontos fortes e fracos e na identificação de prioridades de desenvolvimento.

SIQ3.2.3 Consistência e fiabilidade da auto-avaliação

Que evidências existem da consistência e fiabilidade da auto-avaliação?

- Os registos demonstram que os mecanismos de auto-avaliação utilizados são abrangentes e consistentes;
- Os docentes e não docentes recolhem e analisam um conjunto de informação relevante. Os procedimentos são rigorosos e as conclusões extraídas estão bem fundamentadas em evidências;
- A escola analisa os efeitos dos processos de auto-avaliação na melhoria dos resultados.

SIQ3.2.4 Utilização de aconselhamento externo

Que mecanismos tem a escola para conseguir aceder a aconselhamento externo e para obter informação de retorno?

- No processo de auto-avaliação, a escola estabelece contactos regulares com outras escolas, autoridades locais ou outras entidades;
- Destes contactos resulta informação de retorno com sugestões concretas para a melhoria da qualidade do serviço prestado;
- Os docentes e não docentes têm em conta as recomendações provenientes do exterior para a melhoria da qualidade do serviço prestado.

CAMPO DE AFERIÇÃO III — AUTO-AVALIAÇÃO E MELHORIA DOS PROCESSOS ESTRATÉGICOS

IQ3.3	**PLANEAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE ACÇÕES DE MELHORIA**
	Os resultados da auto-avaliação traduzem-se em planos de acção com impacto efectivo na melhoria dos processos estratégicos?

Referência construída — Nível 3

SIQ3.3.1 Selecção de prioridades

Quais os mecanismos para a selecção das prioridades de melhoria?

- As prioridades contempladas nos planos de acção foram seleccionadas a partir da auto-avaliação;
- As prioridades seleccionadas são importantes e incidem sobre as principais áreas de actividade da escola. Estão claramente relacionadas com o apoio e a melhoria da aprendizagem dos alunos e com a maximização dos resultados educativos.

SIQ3.3.2 Condições para o desenvolvimento de acções de melhoria

Quais as condições que a escola cria para desenvolver acções de melhoria?

- Existem planos de acção para as prioridades seleccionadas;
- Os docentes e não docentes compreendem claramente o objectivo das actividades a desenvolver e estão conscientes dos limites temporais para a sua realização;
- Foram afectados recursos e tempo suficientes para permitir a efectiva implementação das acções de melhoria.

SIQ3.3.3 Implementação efectiva de acções de melhoria

Que provas existem da implementação de acções de melhoria?

- A escola implementou acções de melhoria identificadas nos planos de acção, de acordo com a sua prioridade;
- Existem provas consistentes de que as acções implementadas produziram efeitos de melhoria.

CAMPO DE AFERIÇÃO IV — AUTO-AVALIAÇÃO E EFEITOS NOS RESULTADOS EDUCATIVOS

IQ4.1	**AUTO-AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS EDUCATIVOS**
	Qual a qualidade da monitorização e avaliação que a escola faz dos seus resultados educativos?

Referência construída — Nível 3

SIQ4.1.1 Envolvimento dos docentes e não docentes na avaliação dos resultados educativos

Como é que a escola procura envolver os docentes e não docentes na avaliação dos resultados educativos?

- A escola procura sistematicamente envolver os docentes e não docentes na avaliação dos resultados educativos;
- Os docentes e não docentes têm acesso aos dados relevantes e indicadores de qualidade do desempenho;
- Os docentes e não docentes utilizam uma grande diversidade de evidências para avaliarem os resultados.

SIQ4.1.2 Informação utilizada

Que tipo de dados são utilizados?

- A escola utiliza dados quantitativos recolhidos no seu sistema de informação;
- A escola utiliza dados qualitativos, de opinião, recolhidos especificamente para efeitos de auto-avaliação;
- A escola utiliza dados de referência, nacionais, de escolas comparáveis e do próprio desempenho em anos anteriores.

SIQ4.1.3 Utilização dos indicadores e padrões de qualidade

Como são utilizados os indicadores e padrões de qualidade?

- Os indicadores e padrões de qualidade são sistematicamente utilizados para identificar os pontos fortes, os pontos fracos e as áreas prioritárias para melhoria;
- A escola compara o seu desempenho com informação de referência.

SIQ4.1.4 Monitorização do progresso dos alunos

O que faz a escola para monitorizar o progresso dos alunos?

- A escola acompanha o progresso global dos alunos em função dos resultados das aprendizagens nas diferentes áreas curriculares;
- O progresso das turmas nos resultados escolares é acompanhado sistematicamente e são desenvolvidas estratégias para ultrapassar os pontos fracos identificados;
- Os professores utilizam as informações sobre os resultados dos alunos para monitorizar o seu progresso, estabelecer objectivos e avaliar a eficácia da aprendizagem e do ensino.

SIQ4.1.5 Envolvimento dos parceiros

Que passos são dados para o envolvimento dos parceiros?

- A escola recorre a um conjunto de estratégias e metodologias (questionários, entrevistas, grupos de reflexão) para conhecer os pontos de vista dos diversos interessados sobre a qualidade do serviço prestado;
- A escola utiliza estes resultados para desencadear a melhoria dos serviços prestados.

CAMPO DE AFERIÇÃO IV — AUTO-AVALIAÇÃO E EFEITOS NOS RESULTADOS EDUCATIVOS

IQ4.2	**EFECTIVIDADE DA AUTO-AVALIAÇÃO NA MELHORIA DO DESEMPENHO GLOBAL**
	Em que medida existem evidências de que a auto-avaliação levou a melhorias no desempenho global?

Referência construída — Nível 3

SIQ4.2.1 Nível de satisfação dos parceiros

Que provas existem do nível de satisfação dos parceiros?

- O dispositivo utilizado pela escola para a recolha de opiniões dos interessados mostra elevados níveis de satisfação com os serviços prestados.

SIQ4.2.2 Evidências factuais de melhoria

Que provas de melhoria estão efectivamente documentadas?

- Existem provas claras e passíveis de serem demonstradas em como a escola melhorou os resultados em áreas relevantes, quer se refiram a resultados académicos, quer a atitudes, motivações, comportamentos e desenvolvimento pessoal e profissional;
- Existem evidências de melhores resultados nas áreas em que o desempenho da escola foi considerado mais fraco.

IV. Dados caracterizadores de experiências de avaliação interna

DADOS CARACTERIZADORES DE EXPERIÊNCIAS DE AVALIAÇÃO INTERNA

Título	*Designação da actividade de auto-avaliação ou do projecto/ iniciativa auto-avaliada*
Objecto da auto-avaliação	*Ex.: auto-avaliação de um projecto, levantamento de necessidades de recursos humanos, caracterização de uma turma, etc.*
Objectivo da auto-avaliação	*Utilidade da informação recolhida*
Iniciadores e implementadores do processo de auto-avaliação	*Equipa, participantes*
Metodologia utilizada	*Questionários, testes, análise documental, grelhas de objectivos, etc.*
Respondentes	*Prestadores de informações no processo de auto-avaliação*
Apoio externo	*Universidade, especialistas, etc.*
Modalidade de apoio externo	*Formação, disponibilização de informação, tratamento de dados, etc.*
Aspectos organizativos	*Duração do projecto, fases críticas, etc.*
Efeitos	*Produtos, consequências directas do processo de auto-avaliação interna*
Reflexão sobre a experiência de avaliação interna desenvolvida	*Aspectos positivos e negativos, lições aprendidas, como melhorar*

O roteiro *Efectividade da Auto-Avaliação das Escolas – Roteiro* constitui a base do instrumento técnico de recolha de informação que serve de suporte à actividade com o mesmo nome, integrada no *Programa Aferição*, a realizar pela IGE em 2005.

Papel reciclado